

QUI SUNT HI SERMONES... ET ESTIS TRISTES?

Latim e Retórica no Sermão (II) da 1ª. Oitava da Páscoa

João Bortolanza
(UFU)

Magistral esse sermão de Vieira, por sua habilidade de situar-se eco de dois clamores. Primeiramente, ecoa, com acordes latinos, destacados em epígrafe, o canto-chão da celebração litúrgica ainda a ressoar na abóboda da Igreja “*Qui sunt hi sermones quos confertis ad invicem ambulantes et estis tristes?*” (“Que palavras são estas que ides conferindo entre vós, e de que estais tristes?” – nas palavras de Vieira) ... *Nos autem sperabamus quia ipse esset redempturus Israel*” (“E nós esperávamos que fosse ele Aquele que havia de remir Israel”). Outro é o clamor plangente das ruas, dum povo desconsolado pela triste nova de que nesse País não há e não se hão de achar as tão sonhadas minas. Eis o tema para a longa homilia litúrgica, religiosa sim, mas politicamente calcada na realidade, fruto da *Inventio* do grande Mestre de Retórica.

E isso em terras brasileiras, na Primeira Oitava de Páscoa: de um lado, os discípulos em retirada, tristes pela morte ignominiosa de suas esperanças, a jazerem agora, segundo eles, definitivamente enterradas com o Corpo morto de Cristo. O melodioso canto gregoriano do Evangelho tocava profundamente os corações desiludidos, há tanto tempo acalentados com a descoberta iminente de Minas de ouro e prata: não há as minas, não há mais Redentor: *Et estis tristes*, repetirá Vieira com sua potente voz de orador sacro, o maior de que se tem notícia.

Já no *exordium*, refere que no Dia de Páscoa o mesmo Cristo, ao amanhecer, consolou a Madalena – *Mulier, quid ploras? [...] non invento corpore ejus* – triste por não encontrar o corpo sepultado; e, nessa Primeira Oitava de Páscoa, ei-lo que, no entardecer desse primeiro dia, caminha junto com os que o choram, e em ambos *de absconditis* surge o Consolador: “É, contudo, tão bom Consolador Cristo, e tão apressado, que na mesma manhã enxugou as lágrimas das Marias, e na mesma tarde serenou a tristeza dos Discípulos”, diz Vieira e conclui “como eu também determino aliviar a vossa hoje”. Como o Cristo curou a “tristeza declarada” (*Et estis tristes*) e consolou a “esperança perdida” (*Nos autem*²³ *sperabamus quia ipse esset redempturus*), cabe a Vieira propor o tema bipartite, a partir desse mote-epígrafe:

a) *Et estis tristes*: pois eu vos assevero que “muito melhor vos esteve não se descobrirem as minas esperadas, que descobrirem-se”;

23 Comunicação apresentada no XVII Congresso Nacional de Estudos Clássicos, Natal-RN, Setembro de 2009, revista e ampliada.

- b) *Nos autem sperabamus*: pois eu vos quero mostrar que, “em lugar das minas incertas que se não descobriram, vos descobrirá Deus outras certas, e muito mais ricas.”

Como assenta Vieira, ainda no exórdio, só à primeira vista, são estes assuntos “temporais”. A habilidade da retórica vieirana tomará autoridade nas asserções latinas litúrgicas, bíblicas e clássicas para tecer o arcabouço dessa magistral peça oratória. Um latim essencial como estrutura retórica e discursivo-dialética, a dar sustentação ao grande prosador da Língua Portuguesa. Ler esta sem aquele é perder-se parte substancial nas mais de 7000 páginas dos sermões de Vieira. Alguém, para simplificar, já sugeriu: “Por que não traduzir Vieira?” Não seríamos nós os Letrados os grandes especialistas do acervo de quase 25 séculos de nossa língua “Português-Latim”? E para ler Vieira em seus Sermões, primordial é identificar a *Inventio* de excertos latinos, que formarão os tópicos de seu discurso: trarão a autoridade religiosa e clássica de que necessita para exercer sua arte de persuadir. Serão estes excertos explorados à exaustão e interligados, que formam quase uma epímone do tema único de sua homilia. Eis, em síntese:

1. Exordium

Como vimos, a partir do Evangelho do dia, destaca a tristeza [*et estis TRISTES*] e a esperança desenganada [*Nos autem SPERABAMUS*] dos discípulos de Emaús, que, ao cair da tarde, desconheciam o que acontecera na madrugada deste mesmo dia, do Evangelho do Dia de Páscoa, com a tristeza de Madalena [*Mulier, QUID PLORAS?*] e com o desespero de sequer achar o corpo que buscava... *Non invento corpore ejus*.

2. Propositio (rationes)

E Vieira vai argumentar com a tristeza [*estis tristes*] e a perda da esperança [*nos autem sperabamus*] dos ouvintes, fazendo

- a) a *Refutatio*: “muito melhor vos esteve não se descobrirem as minas esperadas, que descobrirem-se”, com outras citações latinas, como essa de Horácio – “a sentença de um Gentio fundada só na razão natural” –: *AURUM IRREPERTUM, ET SIC MELIUS SITUM CUM TERRA CELAT*:

...o ouro (diz Horácio) é melhor não se achar nem se descobrir, que achar-se: *Aurum irrepertum*. E por quê? Porque, enquanto a terra o esconde e encobre: *cum terra celat*: está ele no sítio e lugar que lhe deu a natureza, que é o melhor: *Et melius situm*. Excelente razão.

- b) E, em seguida, a *Comprobatio*: “em lugar das minas incertas que se não descobriram, vos descobrirá Deus outras certas, e muito mais ricas.” É o Cristo que *DESCENDIT AD INFEROS*, como os homens que descem às minas, no dizer de Ovídio,

ITUM EST AD VISCERAS TERRAE, ou de Plínio *IMUS IN VISCERA EJUS et in sedem manium opes quaerimus... ILLA NOS AD INFEROS AGUNT*. Já os pagãos atentam para onde leva a cobiça, para o profundo da terra *ad inferos*. Assim elucidada Vieira:

É o que realmente e em Pessoa fez Cristo, penetrando o mais escondido e inferior da terra, e descendo verdadeiramente ao inferno, para descobrir, romper e abrir as suas minas, não de ouro ou prata, que acrescentam os males da terra, senão de outros muito mais preciosos metais, com que se acrescenta, ilustra e enriquece o céu.

Como já o profetizara Isaías: *Portas aereas conteram, et vectes ferreos confringam, et dabo tibi THESAUROS ABSCONditos, et arcana Secretorum* (Is. 45, 2-3) e ainda: *Vere tu es DEUS ABSCONditus, Deus Israel Salvator* (Is., 45, 15). Ele em Pessoa é o *THESAURUS ABSCONditus*. E para completar, a autoridade e lucidez de Paulo: *“ASCENDENS IN ALTUM, captivam duxit captivitatem. Quod autem ascendit, quid est, nisi quia et DESCENDIT PRIMUM IN INFERIORES PARTES TERRAE”*. (Ef. 4, 8-9)

1. Peroratio

No item IX, como conclusão, assim começa Vieira: “Estas são, Senhores meus, as minas de que Cristo hoje subiu tão rico do centro da terra: estas as que eu vos prometi descobrir: e estas, e não outras, as minas do vosso Maranhão”.

Novamente retoma o *Descendit ad inferos* da Profissão de Fé, completando-o com Davi: *ERUISTI ANIMAM MEAM EX INFERNO INFERIORE* (Sl. 85, 13), re-criminando-os, como aos discípulos de Emaús: *O stulti et tardi corde ad credendum* (Lc. 24, 25) e exortando-os com o Evangelho *THESAURIZATE VOBIS THESAUROS IN CAELO* (Mt. 6, 20) – “as minas que eu vos prometi” – conclui com o Livro dos Provérbios: *“Si quaesieris eam [a Graça], quasi pecuniam, et SICUT THESAUROS EFFODERIS ILLAM; tunc intelliges timorem Domini, et SCIENTIAM DEI INVENIES”* (Pr. 2, 4-5).

Retomando a *Propositio*, veremos a *amplificatio*, com o desenvolvimento das *res* ou *argumentationes*, sempre a partir de frases latinas que soam como mote ou expressões-síntese dos itens II a VIII do corpo do sermão. Bem sinteticamente explano o corpo do discurso parenético.

II. *Qui sunt hi sermones, quos confertis ad invicem ambulantes, et ESTIS TRISTES?* “Que práticas são estas que ides conferindo entre vós, e estais tristes? [...] E se eu fizesse a mesma no nosso Belém [...] é certo que me havíeis de responder como eles responderam *NOS AUTEM SPERABAMUS*” – como vemos, o assunto desenvolve o tópico bipartite da epígrafe latina. Inclusive o *quia ipse esset REDEMPTURUS Israel*, facilmente entendido como quem deposita na descoberta de tesouros a “redenção, não só desta vossa cidade, e de todo o estado, senão também do mesmo reino [...]

Ora ouvi-me atentamente, e (contra o que imagináveis, e porventura ainda imaginais), vereis que como nesta, que vós tendes por desgraça, consistiu a vossa redenção; e de quantos trabalhos, infortúnios e cativos vos remiu e vos livrou Deus em não suceder o que esperáveis?”

Está aí assentada a *Refutatio*: “Muito melhor vos esteve não se descobrirem as minas esperadas, que descobrirem-se”.

Primeira figura bíblica, a de Jó, a amaldiçoar a noite que o viu nascer: *Pereat NOX, in qua dictum est, Conceptus est homo: expectet lucem, et non videat, nec ortum SURGENTIS AURORAE* (Jó, 3, 3). Feliz foi Jó por não ter-se cumprido seu desejo, posto que a aurora a surgir iria pôr fim à noite, sendo portanto muito melhor que a noite não pereça e melhor não sucederem as coisas como esperamos.

III. Os *exempla* passam a comprovar o argumento contestatório. Lembra a parábola do *THESAURO ABSCONDITO in agro* (Mt. 13, 44), quando o campo passou a ser desejado e comprado por aquele que descobriu que havia um tesouro escondido abaixo da superfície. O *THESAURUS ABSCONDITUS* a provocar a cobiça e a perda.

O Rei de Israel, Ezequias, feliz pelos presentes que o Rei da Babilônia lhe enviara para “lhe dar o parábem da saúde”, mostra-lhe os seus tesouros. No mesmo dia Deus o admoesta *Ecce dies venient, et AUFERENTUR OMNIA quae in domo tua sunt et QUAE THESAURIZAVERT PATRES TUI usque diem hanc, in Babylonem* (Is. 39, 6), esses tesouros que mostrastes, eles os Babilônios os virão buscar *et de filiis qui exhibunt de te, quos genueris, tollent, et erunt eunuchi in palatio regis Babylonis* (Is. 39, 6) – e “não só se farão senhores dos mesmo tesouros, senão que até a vossos próprios filhos cativarão e levarão presos a Babilônia, para lá se servirem deles.” E Vieira complementa: “Dai graças a Deus de se frustrarem as vossas esperanças, e lhe não sejais ingratos com vos entristecer, pois assim vos quis livrar de tamanhos perigos”.

E na Espanha, não fora a riqueza das minas de ouro e prata relatadas por Estrabão, não teria sido dominada pela fúria romana: *Et quanta fecerunt in regione HISPANIA, et quod IN POTESTATEM REDEGERUNT METALLA ARGENTI ET AURI, quae illic sunt.* (1Mc. 8, 3), como se lê no I Livro dos Macabeus. Mais um *exemplum* de jugo que tem como causa o *thesaurus absconditus*.

IV. “Um dos maiores castigos que Deus podia dar a esta cidade, e a este Estado, era nele descobrirem-se as minas”, insiste Vieira. E como argumento de autoridade, mostra-nos como Deus atendeu às preces de Davi para que castigasse os seus inimigos: *DE ABSCONDITIS TUIS adimpletus est venter eorum* (Sl. 6, 14) “Descobre Deus os seus tesouros que tem escondidos debaixo da terra, e enche e farta de ouro e prata aos que estão famintos de minas? [...] nem as dá Deus por merecimentos, senão em castigo de grandes pecados”. Em seguida vai aos Padres Gregos, que comentam sobre os *De absconditis ejus* e o que encontra? *Illud autem DE ABSCONDITIS, alii*

quidem intellexerunt DE SUPPLICIIS, alii vero DE FUSILIBUS METALLIS. (Graeci PP) – “Aqueles que o Profeta chama os ESCONDIDOS DE DEUS, uns dos Santos Padres entenderam que significam castigos, e outros que significam minas”.

V. Volta Vieira, a seguir, os olhos para os trabalhos da minas, nas palavras de Isaías: *Introibunt IN SPELUNCAS PETRARUM, ET IN VORAGINES TERRAE: projiciet homo idola argenti sui, et simulacra auri sui, quae fecerat sibi, ut adoraret, talpas et vespertiones* (Is. 2, 19-20).

E interpreta o célebre orador sagrado: Meter-se-ão os homens pelas covas, e pelas concavidades mais profundas da terra, não para buscar ouro ou prata, mas abominando e lançando de si os ídolos, que do ouro e da prata tinham feito, toupeiras e morcegos. [...] Ali os penitentes arrependidos entram pelas grutas e concavidades da terra; [...] ali desprezam-se os ídolos de ouro e prata; [...] ali as figuras dos ídolos são toupeiras e morcegos: *Talpas et vespertiones*; e aqui os homens, desfigurados como toupeiras, vivem debaixo da terra, sem ter olhos para ver a luz, e como morcegos fogem do sol e do dia, e se vão mais sepultar que vier naquela escura e perpétua noite”. As tintas carregadas do mestre da prosa portuguesa introduzem-se com a imagem “alumiados malignamente aqueles infelices Ciclopes só com a luz escassa e contrafeita”, a cavarem no profundo das minas.

“agora eu vos pergunto: E estes martírios das minas, se as vossas se descobrissem, quem as havia de padecer? [...] Se tantos milhares de índios se têm acabado em tão poucos anos, e com tão leve trabalho... onde se havia de buscar outros que suprissem e suportassem quanto tenho dito? [...] – e conclui – só os vossos engenhos haviam de ter mjuíto que moer, porque vós e vossos filhos havieis de ser os moídos.”

VI. Traz em seguida o Gentio que só com sua Razão afirma com Horácio o verdadeiro sítio em que deve ficar o ouro *AURUM IRREPERTUM, ET SIC MELIUS SITUM CUM TERRA CELAT.* Assim também Sêneca: *Jamque nocens ferrum, FERROQUE NOCENTIUS AURUM prodierat.* Interpreta assim Vieira: “Enquanto no mundo não houve ouro, então foi a idade de ouro; depois que apareceu o ouro no mundo, então começou a idade do ferro”.

No ato da criação, como se lê no Gênesis, *In principio creavit Deus coelum et terram: TERRA autem ERAT INANIS et VACUA* (Gn. 3, 6). Na terra, a grande ameaça de Deus era a árvore proibida *Pulchrum oculis aspectuque delectabile.* Argumenta com o Livro do Eclesiástico *Qui POST AURUM NON ABIIT: probatus est in illo* (Eclo., 31, 8) e complementa com Davi: *Ut excludant eos, qui probati sunt in argento* (Sl. 67, 31). E mais uma vez a voz da Razão se faz ouvir através de Plínio *Quam innocens, quam beata, immovero et delicata esset vita, si NIHIL ALIUD QUAM SUPRA TERRAS CONCUPISCERET? Utinamque posset e vita totum abdicari AURUM, AD PERNICIEM VITAE REPERTUM: quantum felicior aeo, cum res*

ipsae permutabantur inter se? (Plínio, In proem. Lib. 33 et cap. I). A advertência final de Cristo no Evangelho, repercute na Fé: *NOLITE POSSIDERE aurum neque argentum neque pecuniam in zonis vestris* (Mt.10,9) e alça-se a voz penetrante de Vieira: “lograi o que Deus vos deu tão abundantemente SOBRE a terra, e DE DEBAIXO dela nem queirais minas, nem o que delas se bate.”

VII. E para concluir este tropo “os danos que as minas trariam e trouxeram”, argumenta com o que a Espanha auferiu de seu Potosi e das outras minas descobertas: “A mesma Espanha confessa e chora que lhe não tem servido mais, que de a despoivar e empobrecer. Eles cavam e navegam a prata, e os estrangeiros a logram. Para os outros é a substância dos preciosos metais, e para eles a escória”, diz Vieira e mais uma vez o comprova com Isaías: *ARGENTUM TUUM VERSUM EST IN SCORIAM* (Is. 1,22) e com São Tiago: *Argentum vestrum aeruginavit* (Tg. 5, 3).

Outro *exemplum* vai ser o brilho do rei Salomão: *Fecitque ut tanta esset ABUNDANTIA ARGENTI IN JERUSALEM, quanta et lapidum* (3Rs. 10, 27). Ou, como se lê em Isaías, *REPLETA EST TERRA ARGENTO, ET AURO, ET NON EST FINIS THESAURORUM EJUS*. (Is. 2, 7) Mas eis o que essa riqueza trouxe: a divisão do Reino de Israel, em que dez das doze tribos se revoltaram, e ainda *Et repleta est terra ejus equis, et innumerabiles quadrigae ejus: et repleta est terra ejus IDOLIS: OPUS MANUUM SUARUM ADORAVERUNT*. (Is. 2, 7-8). Comenta Vieira, incisivo:

“Eis aqui os aumentos que havia de ter o Reino com os haveres que lhe prometiam as vossas minas. Encher-se-ia a terra de ouro e prata; mas esse ouro e prata, posto que naturalmente desce para baixo, havia de subir para cima. Não havia de chegar aos pequenos e pobres, mas todo se havia de abarcar e consumir nas mãos dos grandes e poderosos, porque, como bem disse o outro: os Magnetes atraem o ferro, e os Magnates o ouro [...] E se estes eram os proveitos com que se havia de adiantar o Reino no descobrimento das vossas minas, `a custa da vossa fazenda, do vosso trabalho, da vossa opressão e do vosso cativoiro; vede se foi grande favor e providência do Céu. Que se não descobrissem, e se tanto no particular, como no geral, ia desencaminhada e errada a vossa esperança: *Nos autem sperabamus*.”

Quanto à *Comprobatio*, o item VIII apenas, já comentado. O item IX nos traz a brilhante e persuasiva conclusão ou *peroratio*, também apresentada.

Oportuna é essa homilia de Vieira, quando nos deparamos com as grandes jazidas, não já subterrâneas, mas nas profundezas do mar, do ouro contemporâneo. E valeria aplicá-lo, à nossa realidade. No dia da Independência, eis que a autoridade máxima desta Nação afirmou em cadeia nacional de rádio e televisão que o país agora celebra uma nova independência, trazida pelo pré-sal, e convocou os brasileiros a trabalharem pela aprovação dos projetos do governo federal sobre a exploração da des-

coberta: "Esta nova independência tem nome, forma e conteúdo. Seu nome é pré-sal; seu conteúdo são as gigantescas jazidas de petróleo e gás descobertas nas profundezas do nosso mar; sua forma é o conjunto de projetos de lei que enviamos, há poucos dias, ao Congresso Nacional. E que vai garantir que esta riqueza seja corretamente utilizada para o bem do Brasil e de todos os brasileiros", disse o presidente. Lula defendeu a proposta do governo federal e afirmou: "Ela garante que a maior parte da riqueza do pré-sal fique nas mãos dos brasileiros; de outro, ela impede que qualquer governante gaste de forma irresponsável estes recursos. E mais: obriga que este dinheiro seja aplicado em educação, ciência e tecnologia, cultura, defesa do meio-ambiente e combate à pobreza".

Segundo Lula, o pré-sal colocará o Brasil entre os países com maiores reservas de petróleo e gás do mundo, mas que "a história tem mostrado que a riqueza do petróleo é uma faca de dois gumes. Quando bem explorada, traz progresso para o povo. Quando mal explorada, ela traz conflitos, desperdícios, agressão ao meio-ambiente, desorganização da economia e privilégios para uns poucos. Assim, alguns países pobres, ricos em petróleo, não conseguiram jamais sair da miséria", disse.

Seria muito pedir a Vieira que falasse desse *Aurum repertum*, dos perigos e danos que isso nos traz, do que a "história tem mostrado" e por isso tirar as conclusões, de quão oportuno é pensar nos riscos que temos que enfrentar.

E Vieira parece responder-nos, na conclusão do Exórdio:

“Ambos esses assuntos parecem temporais, como também eram por causas temporais a tristeza e desesperação dos dous discípulos à ida: mas nem por serem temporais deixou de as consolar o Divino Mestre, para as converter a elas e a eles em espirituais, como tornaram à volta.”

Nem haveria necessidade de outra *Inventio* de citações e frases de autoridade: *et estis tristes ... nos autem sperabamus*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DICIONÁRIO OXFORD DE LITERATURA CLÁSSICA GREGA E LATINA
 Compilado por Paul Harvey; traduzido por Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de Retórica Literária*. 4ª ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993.

REBOUL, Olivier. *Introdução à Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

TRINGALI, Dante. *Introdução à Retórica*. São Paulo: Duas Cidades. 1988. 247p.

VIEIRA, António. *OBRAS COMPLETAS. Sermões*. Vol.II. Prefaciados e revistos pelo Rev. Padre Gonçalo Alves. Porto: Lello & Irmãos, 1993.

VIEIRA, Padre Antônio. *Sermões*. Tomo I. Organização Alcir Pécora. São Paulo: Hedra, 2003.

RESUMO: Vieira tece seus sermões com a *Dispositio* das constantes citações latinas que colheu na sua *Inventio*. Neste Sermão, a epígrafe *Qui sunt hi sermones... et estis tristes? Nos autem sperabamus quia ipse redempturus Israel* e as Minas “que não se acharam” e, por isso, vós ouvintes *estis tristes*, desesperançados (*nos autem sperabamus*) constituem o tema. *DE ABSCONDITIS EJUS* passa a ser a epímone deste epidíctico. Como o adverte Davi – *de absconditis ejus adimpletum est venter eorum* – o castigo dos inimigos seriam as minas descobertas; pela boca de Isaías, a esperança ressurge por aquele que *descendit ad inferos: Portas aereas conteram ... et dabo tibi thesauros absconditos et arcana Secretorum. De absconditis, ab inferno inferiori*, vem sim a *solatio/spes* para os tristes discípulos de Emaús e para os desesperançados das Minas. Por isso, *thesaurizate vobis thesaurum in caelo*, o Tesouro que os Discípulos de Emaús esperavam e encontraram *ipse redempturus*.

Palavras-chave: Latim e Retórica – Emprego do latim - Estrutura do sermão – Minas - Spes
